

A *dispositio* no gênero discursivo *live*: arcabouço argumentativo em análise

Maria Francisca Oliveira Santos

Romildo Barros da Silva

Considerações iniciais

Entre as ciências da linguagem que compõem o *Trivium* aparecem a Retórica, a Dialética e a Gramática, as quais representam a gênese das reflexões feitas sobre os estudos da linguagem. É a Retórica a que se distingue de todas as três por ser a mais tradicional, por ter destaque na antiguidade grega e assumir o campo da investigação científica. É difícil separá-la da Argumentação, pois está atrelada sempre à arte de argumentar e, também, persuadir por meio da palavra. É definida por Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) como “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”¹. Logo, há uma ligação entre Retórica e Argumentação justificada por Massmann (2021) ao afirmar que: “A relação entre estes dois domínios da linguagem é constitutiva e complementar. Refletir sobre a retórica implica, portanto, refletir também sobre a argumentação”².

Aborda-se ainda sobre a Retórica e suas disciplinas limítrofes, a Dialética e a Erística, pois Aristóteles (2011) a considera – a Retórica – como um ramo da Dialética, como parte da sua constituição. Assim, essa linha de pensamento é consultada, por ocasião de situações de incertezas da vida quotidiana, com expansão a um auditório que aja dialogicamente, por meio de um processo de persuasão; é a Dialética que gerencia um questionamento argumentativo com outrem, o interlocutor, à guisa da verossimilhança. Nesse sentido, Reboul (2004) assim enuncia: “a Dialética é um jogo intelectual que, entre suas possíveis aplicações, comporta a Retórica. Esta é a técnica do discurso persuasivo que, entre outros meios de convencer, utiliza a Dialética como instrumento intelectual”³.

1 Aristóteles, 2011, p. 38.

2 Massmann, 2021, p. 14.

3 Reboul, 2004, p. 39.

A segunda disciplina limítrofe, a Erística, é a arte da controvérsia, de linha polêmica, em que se busca vencer o outro de qualquer jeito; “procura vencer um litígio destruindo os argumentos do adversário em vez de buscar a verdade ou o entendimento acerca de um assunto”⁴.

Desse modo, este capítulo centra-se em uma Retórica que, com gênese na Grécia Antiga e com aproximações com a Dialética, reconhece o seu desenvolvimento pelo interesse de estudiosos de várias áreas como das ciências humanas – linguistas, antropólogos, psicólogos. Estabelece o foco no sistema retórico, mais especificamente na *dispositio*, em função do reconhecimento do seu pragmatismo nos gêneros discursivos midiáticos, em que se presume a presença do *ethos* de uma professora caracterizado como inteligente, presunçoso, poderoso, astuto e compassivo, o qual se dirige a uma comunidade virtual vislumbrada pelos sentimentos e pelas paixões nela despertada, acerca de um discurso remanescente das pontuações teóricas argumentativas – *logos*.

Entram nas considerações teóricas pontuações da Antiga Retórica com Aristóteles (2011), Reboul (2004) e Meyer (2007), mas também da Nova Retórica com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), entre outros, além dos que exploram a temática relacionada aos elementos não verbais e verbais na comunicação humana. Com esse referencial teórico, procura-se responder ao seguinte questionamento: Como se dá a *dispositio* no gênero *live*? Há indícios de o retor estabelecer a continuidade do seu discurso? O capítulo tem a seguinte estrutura: em primeiro lugar, são mostrados os pontos retórico-argumentativos e não verbais; a seguir, aparecem considerações acerca do sistema retórico; na sequência, os aspectos metodológicos e as análises; e, por fim, vêm as considerações finais e as referências.

Acerca da Retórica

Os estudos retóricos advêm das ilustrações defendidas pelos sofistas, a exemplo de Córax (490 a.C. - 430 a.C.) e Górgias (480 a.C. - 380 a.C.), os quais capacitavam os homens a governarem com destreza suas casas e cidades. Assim, a Córax atribui-se o argumento que leva o seu nome – que se explica por afirmar que uma coisa é inverossímil, por ser verossímil demais; a Górgias, a criação de uma Retórica – de linha estética e propriamente literária; eram os pedagogos da época, no entanto, simplesmente priorizavam saber fazer a serviço do poder. Foi Platão quem se investiu contra a ação dos sofistas, uma vez que a Retórica estava apenas a serviço das pessoas dominantes. Nesse contexto, foi Aristóteles (2011) quem restaurou a Retórica, conferindo-lhe caráter científico.

A Retórica, oriunda de uma história calcada na Grécia Antiga, por ser consistente e importante entre os cidadãos dessa comunidade, propiciou a existência

4 Mateus, 2018, p. 52.

de vários olhares sobre as suas definições. Assim, Quintiliano se volta à arte de bem falar (*ars bene dicendi*); Platão a define como manipulação do auditório (*pathos*); e Aristóteles (2011) enfatiza a exposição de argumentos ou de discursos. Esses conceitos equivalem, respectivamente, ao respeito ao orador e à sua expressão; à centralização na emoção, e, por fim, ao explícito e ao implícito, aos argumentos. Há controvérsias entre esses postulados, no entanto, enfatiza-se, neste capítulo, o que Reboul (2004) apregoa:

Aristóteles salva a retórica, colocando-a em seu verdadeiro lugar, atribuindo-lhe um papel modesto, mas indispensável num mundo de incerteza e de conflitos. É a arte de encontrar tudo o que um caso contém de persuasivo, sempre que não houver outro recurso senão o debate contraditório⁵.

Essa Retórica é muito antiga, a ponto de ser “[...] anterior à sua história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir”⁶. Dessa forma, apontamos que a Retórica se sustenta mais precisamente na função persuasiva do discurso, que envolve dois aspectos: o argumentativo e o oratório; este último se concretiza por gestos do orador, inflexões da voz, entre outras manifestações não verbais; aquele se operacionaliza por argumentos como o entimema⁷ e o exemplo⁸.

Além da função persuasiva, aparecem a hermenêutica, a heurística (do verbo grego *euro*, *eureka*) e a pedagógica, as quais se explicam respectivamente pela arte de interpretar textos; pela descoberta de novos caminhos, novos horizontes no processo persuasivo; enfim, pela capacidade do bem dizer, o que realmente significa a aprendizagem do saber ser. São atribuídos a Aristóteles (2011) vários elementos que contribuem para a efetivação do seu sistema retórico, a exemplo das provas técnicas e não técnicas, da chamada tríade aristotélica, dos tipos de retórica (judicial, deliberativa e epidítica), além da ordenação e classificação das partes de discurso, entre outras categorias.

Das considerações feitas, tem-se uma retórica persuasiva, inter-relacionada com várias áreas da linguagem, muito importante por permitir interlocução entre os comunicadores nas relações sociais, o que se efetiva pela tríade aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos*, com efetivação em determinado gênero discursivo. Esse gênero, para efetivar-se, apresenta-se na modalidade falada ou na escrita: a primeira encobre mais os discursos proferidos na antiguidade grega, em que a oralidade era predominante; a segunda aparece mais na época hodierna, quando discursos escritos

5 Reboul, 2004, p. 27.

6 Reboul, 2004, p. 1.

7 Entimema é um raciocínio dedutivo ou silogismo imperfeito, pois a conclusão é apenas sugerida (Silva, 2023, p. 83).

8 Exemplo é um raciocínio indutivo que permite uma generalização, geralmente aponta possibilidades infinitas de encaixar as ideias e conceitos (Silva, 2023, p. 83).

são proferidos pela política, pela academia ou por quaisquer vias de manifestação do pensamento, sem que haja também a prática dos discursos orais.

O sistema retórico

A fim de o sistema retórico acontecer em sua essência, configura-se a tríade aristotélica, representada pelo caráter do orador (*ethos*), pelos sentimentos e pelas emoções despertados no auditório (*pathos*) e pelo assunto propriamente dito (*logos*). Quanto ao *ethos*, Reboul (2004) ratifica a assertiva: “é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga a pessoas, à imagem que o orador passa de si mesmo, o que o torna exemplar aos olhos do auditório [...]”⁹. Assim, quanto ao despertar das emoções no auditório, Ferreira (2021) enfatiza que, para movê-lo, é preciso “promovê-lo, seduzi-lo, convencê-lo a partir de um acordo, de um casamento de interesses centrado nas crenças e nas paixões do auditório”¹⁰, acerca de um discurso simbolizado pelo *logos*, que, por sua vez, indica “tudo aquilo que está em questão”¹¹.

Para este capítulo, o *ethos* da professora utiliza-se de meios nomeados técnicos e não técnicos para obter a persuasão do seu auditório, quanto ao conteúdo teórico que transmite após o acordo estabelecido. Os meios independentes do retor são “caracterizados por documentos escritos, o que for exterior às manifestações do *ethos* do professor”; os que lhe são intrínsecos são definidos “por meios de persuasão configurados sob a tutela do orador”¹². Desse modo, todo ato retórico apresenta uma sistematicidade configurada pelo orador, quando da sua manifestação oral ou escrita – discursos orais ou escritos –, representada neste trabalho pelo gênero *live*,

que atualiza sentidos ao fazer-se ao vivo pelo produtor com vistas a um leitor virtual. Esse gênero, realmente, demarca a evolução dos meios de comunicação e se torna, em contexto de pandemia, essencial para a interação humana de maneira global¹³.

Com Aristóteles (2011), a Retórica foi organizada e inserida em um sistema filosófico, promovida de uma prática social a uma teoria do discurso e, nesse estágio, um campo metalinguístico, científico e técnico¹⁴. Desse modo, enfatiza-se, o sistema retórico “quanto às etapas do processo argumentativo, quanto às partes

9 Reboul, 2004, p. 34.

10 Ferreira, 2021, p. 17.

11 Reboul, 2004, p. 45.

12 Aristóteles, 2011, p. 37.

13 Santos e Silva, 2021, p. 163.

14 Massmann, 2021.

do discurso”¹⁵, para melhor visualizar as partes constitutivas do gênero discursivo *live*, o que viabiliza o acordo entre o *ethos* da professora e seu auditório. Para essas considerações, tomam-se por base Reboul (2004), Ferreira (2021), Figueiredo e Ferreira (2016), Abreu (2009) e Massmann (2021).

As etapas do processo argumentativo do sistema retórico, segundo Reboul (2004)¹⁶, correspondem às partes que constituem “os grandes capítulos dos tratados de retórica”, quais sejam: a invenção (*heúresis*), a disposição (*táxis*), a elocução (*léxis*) e a ação (*hypócrisis*). De maneira positiva, quanto ao uso desse processo, o orador, inicialmente, procura compreender a temática para se munir de todos os argumentos que possa evocar; a seguir, esse mesmo orador põe uma ordem nos seus argumentos; depois, elabora a redação do seu discurso, para, enfim, proferi-lo adequadamente, conforme o projeto realizado.

Com ênfase, diz-se que a invenção se refere “ao momento de busca das provas que sustentarão o discurso”¹⁷; a disposição é “a organização interna do discurso, seu plano”, a elocução “não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo”¹⁸ e a ação “tem como finalidade a captação da atenção do auditório e sua persuasão, uma vez que é por meio dela que o discurso atinge o público”¹⁹. Todas essas considerações circulam acerca das partes constitutivas do processo argumentativo do sistema retórico, no entanto, é a *dispositio* o grande foco deste capítulo, por meio da análise do gênero discursivo *live*, a qual para Figueiredo e Ferreira (2016), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014)²⁰, entre outros, é composta por exórdio, narração, confirmação – prova e refutação – e peroração – conclusão e epílogo.

A disposição é um lugar retórico que constitui a gênese do discurso e exhibe o **exórdio** como sua parte introdutória, adaptável às vicissitudes do próprio discurso, ao orador e ao auditório, bem como à temática em discussão e às suas possíveis controvérsias. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014)²¹, pode referir-se ao assunto e ao auditório: ao primeiro, pois tenta despertar o interesse pelo assunto em destaque; ao segundo, uma vez que objetiva estimular a capacidade e o amor desse auditório.

A seguir, vem a **narração** que é a “exposição dos fatos referentes à causa, exposição aparentemente objetiva, mas sempre orientada segundo as necessidades da acusação ou da defesa”²². Na sequência, vem a **confirmação**, que corresponde a um “conjunto de provas, seguido por uma refutação (*confutatio*), que destrói

15 Figueiredo e Ferreira, 2016, p. 45.

16 Reboul, 2004, p. 43.

17 Ferreira, 2021, p. 63.

18 Reboul, 2004, p. 43-44.

19 Figueiredo e Ferreira, 2016, p. 50.

20 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 562.

21 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 562-563.

22 Reboul, 2004, p. 56.

os argumentos adversários”²³. É a confirmação subdividida em prova e refutação para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014)²⁴. Em suma, aparece a **peroração**, que representa o fim do discurso, podendo “ser longa e dividir-se em várias partes: a) recapitulação; b) apelo ao ético e patético; c) amplificação da ideia defendida”²⁵.

A argumentação pelos não verbais

Toda a linguagem humana é mediada por multissistemas de significação. Diante disso, quando a comunicação verbal se processa em diferentes gêneros discursivos, como *lives*, aulas, debates políticos, entre outros, os significados são produzidos pela fala e pelos elementos da corporeidade que constituem a linguagem não verbal. Assim, Richmond, McCroskey e Rickson (2012) e Santos (2004, 2007) desenvolvem análises sobre os comportamentos não verbais significantes em interações humanas.

Com base nesses estudos, os gestos, os olhares, as expressões faciais e a paralinguagem ressignificam as interações, principalmente as argumentativas. A seguir, apresentam-se alguns tipos de movimentos não verbais recorrentes em práticas de linguagem argumentativa.

Comportamento não verbal

Knapp e Hall (1999) pontuam que os movimentos não verbais da linguagem humana são subdivididos em cinco grandes áreas: ambiente da comunicação, aparência física, proxêmica, comportamento cinestésico e paralinguagem. Entre essas partes, nesse estudo, são enfatizadas as subpartes do comportamento cinestésico. A seguir, têm-se as especificações desse tipo de comportamento não verbal, com base em Silva (2023).

A primeira área específica da cinésica responsabiliza-se pelos **gestos**, subdividida em gestos relacionados à fala e independentes à fala. No primeiro grupo, há, quase sempre, as funções de acentuar, descrever, regular, organizar ideias e apontar objetos. No segundo grupo, são independentes do discurso proferido, como o gesto afirmativo com um polegar elevado e os demais dedos fechando uma das mãos.

A postura é outra área específica do campo cinestésico, afinal, por meio de elementos como inclinações para frente e para trás, eles denotam estados emotivos e envolvimento entre os interactantes²⁶. Além desses dois modos específicos de analisar os movimentos corporais – gestos e postura –, é essencial destacar a

23 Rebol, 2004, p. 57.

24 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 561.

25 Ferreira, 2021, p. 115.

26 Knapp e Hall, 1999.

atuação do comportamento tátil, as expressões faciais e o comportamento ocular, como significativos nas interações humanas.

Movimentos não verbais argumentativos

Entre os vários movimentos não verbais, postulados anteriormente, destacam-se os **gestos dêiticos, emblemáticos e ilustradores** como recorrentes e argumentativos em práticas retóricas com as *lives* e mesas-redondas *on-line*. Nesse sentido, ao compreender que gestos podem apontar objetos e ilustrar pensamentos e ideias, Richmond, McCroskey e Rickson (2012)²⁷ descrevem que o gesto dêitico “acompanha a palavra, principalmente palavras como aqui, ali, eu e você”. Dessa maneira, os gestos evidenciam a coesão entre o que é o dito e os elementos gestuais de uma conversação.

Os gestos emblemáticos, por sua vez, “possuem caráter compartilhado; tentam traduzir atos verbais e substituir palavras”²⁸. Além disso, os emblemas são facilitadores de significado, uma vez que reforçam o dito e criam um efeito argumentativo de aceitação. Ainda, os ilustradores são gestos que têm por objetivo “demonstrar o dito; são gestos intencionais que podem esclarecer informações e sincronizar gestos com a fala; são subtipos: referentes culturais, enfáticos/pontuação, interativos, ideogramas e pictogramas”²⁹.

Aspectos metodológicos e análises

O capítulo segue os caminhos qualitativos³⁰, razão por que não se têm propostas *a priori*, já prontas, as quais devem ser encontradas e discutidas no seu percurso, quando estiverem em contato o pesquisador e o objeto de análise. Por ser o trabalho de linha qualitativa, não são priorizados dados quantitativos, uma vez que “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais”³¹.

Os dados são tratados em uma linha descritiva e interpretativista: a primeira faz a descrição dos fatos e dos fenômenos com o objetivo de interpretá-los; a segunda proporciona o entendimento do objeto teórico em estudo e fornece sua explicação, uma vez que “descrever é narrar o que acontece; explicar é dizer por que acontece [...] e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”³². Tal abordagem necessita de uma contextualização especificada pelo

27 Richmond, McCroskey e Rickson, 2012, p. 61.

28 Silva, 2023, p. 98.

29 Silva, 2023, p. 99.

30 Flick, 2009.

31 Bauer e Gaskell, 2015, p. 23.

32 Rampazzo, 2005, p. 56.

espaço social – a academia –, pelo tempo – a duração de uma *live* –, pelas ações dos oradores – a exposição de temáticas selecionadas – e por todas as ações circundantes do fazer pesquisa.

Dessa forma, procedeu-se à captura de imagens e à transcrição dos dados orais³³. Foi escolhido para este capítulo a *live* intitulada *Retórica e Argumentação*³⁴, exibida em 13/12/2021. Foi transmitida e encontra-se catalogada na plataforma *YouTube*, sob a direção da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Essa *live* é de acesso público e ainda pode ser vista no *site* ora informado. A análise esteve centralizada nos discursos dos oradores, sem enfatizar a identidade desses sujeitos. Além disso, os fragmentos escolhidos para exemplificação da temática mostraram-se suficientes para elucidação das categorias analisadas.

Recorte analítico

O foco inicial da análise é o funcionamento do sistema retórico e suas categorias em relação aos elementos verbais e não verbais no gênero discursivo *live*. Desse modo, os elementos não verbais podem ter uso intencional quando observados o contexto e o propósito dos oradores; no entanto, o uso de categorias retóricas em consonância com aspectos do comportamento não verbal é uma das ênfases desta pesquisa.

A seguir, encontra-se um fragmento de transcrição da *live* denominado *Autoridade e inclinações retóricas*, descrito como “análise problematológica da retórica e argumentação: análise de campanhas publicitárias”, produzido pelo orador 3³⁵ em que se nota a presença de dois recursos da linguagem não verbal em consonância com duas categorias retóricas:

e aí incentivado então pelo professor Perelman’ ele desenvolveu toda essa proposta que **está publicada’ né” na sua tese** que depois virou livro’ e desde então ele vem trabalhando em cima dessas ideias’ a partir delas’ desenvolvendo essas ideias em diferentes sentidos’ bom’ para Meyer’ pensar é questionar’ então’.../

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Como fora explicado, há dois comportamentos não verbais significantes neste recorte do *corpus*. O primeiro diz respeito aos elementos paralinguísticos como a **elevação de voz** de modo a reforçar o dito. Além disso, nesse ínterim, o orador 3 alude ao texto publicado por Michel Meyer (2007) e faz um movimento

33 Marcuschi, 2001; Preti, 2000.

34 Link para acesso à live: <<https://www.youtube.com/watch?v=df2hWcOTyDc>>.

35 O orador 3 trata-se da professora Isabel Cristina Michelan Azevedo (UFS), visto que ela foi a terceira participante na live em análise.

de **inclinação para a frente** para clarear e validar o seu discurso, o que é demonstrado nas capturas seguintes:

Captura 1



Orador 3 - Publica::da /.../ na sua te::se (38:58-39:00)

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Neste discurso, nota-se a presença do **argumento de autoridade** ao citar uma referência aos estudos retóricos (Meyer, 2007) e, ao mesmo tempo, por haver o reconhecimento da sua argumentação por meio desse tipo de argumento da Nova Retórica. Desse modo, evidentemente, vê-se que “a menção a um terceiro é a base do argumento de autoridade”³⁶. Além disso, ao elencar uma autoridade, faz-se a elevação da sua imagem retórica (*ethos*), visto que, mesmo constituindo uma autoridade no assunto em pauta, há essa menção no **exórdio** de seu discurso, a um terceiro que representa uma referência nos estudos discutidos.

Para mostrar os argumentos que subsidiaram a proposta apresentada, qual seja a problematologia de Meyer (2007), dentro de uma filosofia do questionamento, o *ethos* da professora mostra-se inteligente, virtuoso, perspicaz e sábio para exibir as melhores ideias que solidificam essa temática. Dessa maneira, sustenta que o exercício do pensamento é também do questionamento, que o ato de linguagem envolve uma relação interativa e que esse processo de questionamento envolve a articulação dos sujeitos em torno de questões, entre outros pilares argumentativos, o que infere acontecer a narração do sistema retórico. O fragmento a seguir revela um argumento que entra na composição retórica:

(...) a **retórica é essa negociação entre os indivíduos**’ a propósito de uma questão’ então eu’ essa é a definição dada por Meyer para a retórica’ né” **eu tenho uma situação retórica quando eu tenho UM ESFORÇO em negociar as diferenças** (...) em diminuir as distâncias entre os interlocutores’ já a **argumentação é definida como aquele processo que se organiza a partir de questões** (...) o que eh o que e **investiga o que torna problemático** cada uma das situações’ mas na visão de Meyer (...) é preciso unificar esses campos’

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

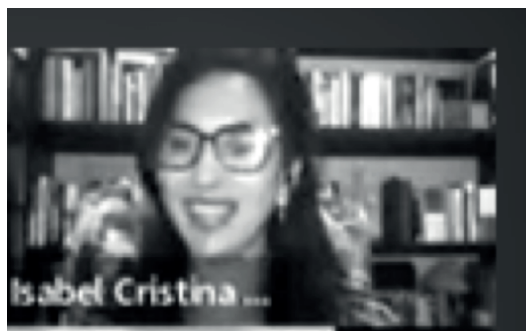
36 Silva, 2023, p. 185.

Neste novo recorte da transcrição, notam-se as contribuições da **argumentação por definição** em: “a retórica é essa negociação entre os indivíduos” e “a argumentação é definida como aquele processo que se organiza a partir de questões [...] e investiga o que torna problemático”. As definições “podem ser justificadas, valorizadas, com ajuda de argumentos; elas próprias são argumentos”³⁷. Dessa maneira, é salutar concordar que as definições são “contextuais e intencionalmente moldadas pelos retores”³⁸. Assim, no contexto em questão, o orador 3 usa essas definições para sustentar suas argumentações em torno do tópico defendido.

Para além desse tipo de argumento, evidentemente, a **confirmação** – que é prova – aqui realizada está condensando essas argumentações e abre espaço para a narração do orador 3, como demonstrado em: “eu tenho uma situação retórica quando eu tenho **UM ESFORÇO** em negociar as **diferenças**”. Dessa maneira, ao explicar o tópico argumentativo, o orador narra sobre a definição ora apresentada. Isso demonstra uma nova perspectiva de estudar a *dispositio*, afinal, essa sequência ininterrupta de apresentação do tópico e explicação – narração – está presente na análise global de um gênero discursivo e, também, em enunciados curtos, como o explicitado.

No que diz respeito aos aspectos interativos entre os elementos não verbais e verbais, a captura seguinte demonstra mais um recurso persuasivo utilizado pelo orador 3:

Captura 2



Orador 3 - (50:23) – **Sorriso persuasivo** - eu tenho uma situação retórica quando eu tenho **UM ESFORÇO** em negociar as **diferenças** (...)

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

37 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 239.

38 Silva, 2023, p. 145.

Nesta captura em análise, observa-se um grande recurso persuasivo para fortalecer a disposição dos argumentos e a promoção da imagem retórica do orador 3 que é o sorriso. Esse elemento, parte do comportamento não verbal³⁹, faz uso das expressões faciais para interagir com o discurso verbal. Essa interação, em questão, surge nos 50 minutos e 23 segundos da exposição do orador 3, quando enuncia: “diferenças”.

Essa felicidade pode transmitir **segurança** para o público que acompanha a exposição e justamente está relacionada com a distinção dos conceitos de Retórica e Argumentação apresentados pelo orador 3. Dessa maneira, mais uma vez, uma parte da *dispositio* – confirmação – revelou o uso contextual de um recurso da linguagem não verbal para persuadir o público e, de fato, instaurar o argumento da definição ora explicado.

Por fim, após a citação de exemplos que confirmam a teoria apresentada, a professora – orador 3 – mostra a importância do que expusera para os estudos da linguagem no que se refere às análises de questões para o que propõem as ideias de Meyer (2007), quanto à tríade aristotélica, conforme explicadas a seguir:

então pra encerrar’ eu gostaria de marcar ‘né” como é importante por meio da diferença problematológica olhar pras questões quando se pratica uma análise’ que segue as proposições da problematologia’ e ressaltar deixando aí como convite pra (...) os interessados em conhecer mais as ideias de Meyer’ olhar pra como essas relações se apresentam em diferentes artes na música’ na pintura e em muitas outras artes (...)

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

O fragmento acima reúne indicações apontadas pelo *ethos* da professora na tentativa de mostrar a importância da análise de questões por meio de diferença problematológica, razão por que persuade o seu auditório a fazer a leitura de Meyer (2007), uma vez que os resultados podem ser vistos também na música, na pintura e em outras áreas. Assim, o fragmento representa a **peroração** da *live*, momento em que esse *ethos* – orador – faz um resumo, de forma emocionante e sucinta, acerca da temática abordada: a teoria da problematologia.

É o recorte característico de uma peroração, na qual o retor – orador 3 – encerra seus pensamentos e suas pontuações e, ainda, interage com o público de modo a validar as ideias defendidas em todo o seu discurso. Essa validação tem viés persuasivo, uma vez que concatena as partes anteriores da *dispositio* – exórdio, narração e confirmação – durante um gerenciamento de relações persuasivas com o público⁴⁰.

39 Knapp e Hall, 1999.

40 Abreu, 2009.

Ao praticar esse recurso linguístico-retórico, a professora – orador 3 – estabelece o princípio da identidade que, no pano de fundo, sugere que o público conheça o que ela conhece – A então A⁴¹. Assim, as definições utilizadas na confirmação, bem como o argumento de autoridade e os aspectos positivos do seu *ethos* estão condensados nessa peroração, compreendida como uma conclusão persuasiva do discurso. Desse modo, o objetivo do orador 3 é gerar identificação, isto é, fazer-se persuasivo.

Considerações finais

Neste capítulo observou-se a dinamicidade da *dispositio* do gênero discursivo *live*. Essa parte discursiva organiza toda a prática de linguagem de modo a estabelecer quais recursos retóricos e linguísticos são prioritários em determinadas situações comunicativas. Além disso, revela uma possibilidade de analisar os gêneros discursivos com potencial retórico.

Ademais, evidenciou-se que as sequências clássicas do discurso retórico estão presentes nos mais diversos gêneros discursivos. A *live* exemplifica isso, uma vez que, ao transmitir um evento científico em formato de mesa-redonda virtual, apresenta, em sua organização interna, todas as etapas da *dispositio* de um discurso. Essas observações são instigantes para outros estudos, principalmente para os do viés da Antiga ou da Nova Retórica.

Os movimentos não verbais sempre se mostraram conectados com as categorias linguísticas e retóricas, conforme comprovam os estudos de Silva (2023), Santos (2004, 2007) e Oliveira (2021). Há, evidentemente, um convite para explorar mais, por isso este trabalho demonstrou novas inquietações sobre o comportamento não verbal associado com a linguagem e a retórica. Nesse sentido, apontam-se novas perguntas de estudo para se somarem às inicialmente expostas:

- a. Quais discursos acadêmicos persuadem artisticamente?
- b. Como a citação, os argumentos de autoridade e a projeção do *ethos* contribuem para o discurso eficaz?
- c. Como a linguagem não verbal está alocada nos recursos retóricos?

Tudo isso faz parte dessas inconclusas considerações finais que lançam novas ideias e novos pensamentos sobre as linguagens verbais e não verbais, os gêneros e a retórica. Observamos, então, que na *dispositio* de um discurso como a *live*, revestida do exórdio, da narração, da confirmação e da peroração, estão pre-

41 Reboul, 2004.

sentas a organização e a eficácia por conta da ordem do que é enunciado pelo *ethos* da professora, para persuadir o *pathos* do seu auditório virtual sobre a temática. Diante disso, apontamos que o sistema retórico se estende a quaisquer manifestações orais ou escritas, o que produz resultados com eficiência, consistência e coerência discursiva.

Referências

- ABREU, Antônio Soares. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 13ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução por Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- BAUER, Martin William; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- FIGUEIREDO, Flávia Maria; FERREIRA, Luiz Antonio. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ee708478fbd4c6d647dc7f21e84d3a6.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- KNAPP, Mark L.; HALL, Judith. A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. 2ª ed. Tradução por Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: JSN Editora, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2001.
- MASSMANN, Débora. Institucionalização e desdobramentos da Retórica: História, memória e atualidade. In: Paulo Roberto Gonçalves-Segundo e Eduardo Lopes Pires (Org). **Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso**. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica no século XXI**. Covilhã, Portugal: Editora LabCom. IFP. Universidade da Beira Interior, 2018.
- MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução por Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Linguagens verbal e não verbal no discurso interativo de sala de aula**. São Paulo: Editora Dialética, 2021.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação**: a nova retórica. Tradução por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RICHMOND, Virgínia Peck; McCROSKEY, James C.; HICKSON, Mark L. **Nonverbal behavior in interpersonal relations**. 7ª ed. Pearson Education: Boston, 2012.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **A interação em sala de aula**. 2. ed. Recife: Bagaço, 2004.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira; SILVA, Romildo Barros da. Construções persuasivas de oradores em lives durante a pandemia. **Diálogos pertinentes**. 17 (1). p.163, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3729>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.). **Os elementos verbais e não-verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: Edufal, 2007.

SILVA, Romildo Barros da. **Análise retórico-conversacional dos atos verbais e não verbais no acordo retórico no gênero debate político televisivo**. 2023. 272 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.